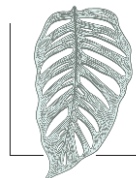


Editorial





Em sua edição de estreia, a OBLÍQUA debruça-se sobre os *NOVOS TEMPOS*.

Se você acha que a expressão *novos tempos* diz respeito ao anúncio de um novo contexto político, cultural e social, não deixa de ter alguma razão. Afinal, parece que estamos, de fato, entrando em uma esperançosa paisagem macropolítica nacional – e, definitivamente, as promessas advindas dessas mudanças compõem o nosso imaginário do que há por vir. No entanto, para além dos anúncios que caracterizam esse contexto, é fundamental que também sejam criticamente analisadas as enunciações de novos tempos que nem sempre são notados.

Enquanto enunciados, isto é, enquanto estágios do pensamento que antecedem a organização da linguagem consciente, os novos tempos retratados nesta edição são aqueles que modelam e guiam nossa percepção no mundo. São os novos tempos do corpo e do ambiente: da relação do corpo com os novos tempos do mundo e de como o mundo atual cria novos tempos no corpo. Ainda que não estejamos conscientes, nosso comportamento tem se transformado significativamente nas últimas décadas, sobretudo em decorrência das modulações trazidas pelas novas tecnologias.

O aumento de horas em frente às telas, a plataformação cultural através dos *streamings* e a algoritmização de interesses são alguns dos fatores que têm criado novos tempos e provocado alterações significativas em nossos modos de apreender o mundo.

São esses os problemas abordados nos textos desta edição.

Ao passo que os artigos *Massagens no olho que tudo vê: o que se aprende quando tudo se apreende?* e *Diante da obra de arte* discutem como esses novos hábitos alteraram nossas experiências nas relações com as obras de arte, o ensaio *No fundo da farsa, encontramos algo?* parte de uma imagem colhida do cotidiano para pensar a importância da imaginação em um mundo que mergulha cada vez mais em uma apatia. Por fim, a crônica de arte *O outro discurso inaugural* presta uma homenagem a Mário de Andrade, na tentativa de combater essa mesma apatia que permeia os discursos sobre as artes.